

TROTOS, ASSÉDIOS E VIOLÊNCIA SEXUAL NOS CAMPUS UNIVERSITÁRIOS NO BRASIL

Lourdes Maria Bandeira¹

‘Desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da Educação (...) Considero tão urgente impedir isso que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade’.

Theodor Adorno (1997)

Resumo: O presente texto se propõe a refletir sobre as situações de violências identificadas no interior dos *campi* universitários, em algumas das universidades brasileiras. O fenômeno se tornou tema de debate nacional, uma vez que vem assumindo formas específicas, atingindo, preferencialmente, jovens estudantes do sexo feminino ingressantes na Instituição. A violência dos trotes e dos assédios, sobretudo, deixa cicatrizes profundas nas jovens universitárias, fazendo com que algumas desistam de frequentarem o curso. As fontes de informações/dados que ancoram o texto, empiricamente, compreendem: informações diretas (relatos e entrevistas) e secundárias veiculadas pela mídia nacional (notícias), além da bibliográfica acadêmica. O texto está dividido três eixos que interagem, a saber: i) as práticas dos trotes como um ritual violento de ingresso à universidade; ii) as violências insidiosas e ‘invisíveis’ dos ‘assédios’ presentes nas sociabilidades cotidianas, e, iii) a necessidade de nomear e de denunciar a violência como sendo um ato político.

Palavras Chave: trote; violência sexual; gênero; universidade; assédio.

Abstract: The present text proposes to reflect on the situations of violence identified inside university campuses. The phenomenon has become a topic of national debate and it has been reaching especially young female students entering college. Sexual harassment and other forms of violence leave deep scars on young college students, thereby causing some to give up attending the classes. The sources of information and data that empirically support the text include: direct information, such as reports and interviews; and secondary information transmitted by the national media (news), as well as the academic

1 Professora Titular do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília e coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Mulher (NEPEM/UnB).

bibliography. The text is divided into three axes, namely: i) the practices of the 'trotes' (pranks) as a violent ritual of entrance to the university: ii) the insidious and 'invisible' violence of everyday sociability, and iii) the necessity to name and denounce violence as a political act.

Keywords: trotting; sexual violence; gender; university; harassment.

Introdução

Não foi por acaso que o tema da redação proposta pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em outubro/2015, tenha abordado ‘*A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira*’. A esse tema, aproximadamente 7,7 milhões de estudantes inscritos/as, aspirantes a uma vaga nas universidades federais, se defrontaram em responder. A violência contra a mulher, além de ser um fenômeno constante, está cada vez mais presente na vida de jovens universitárias, “dá a necessidade e oportunidade de discussão sobre o tema”, conforme afirmou Francisco Soares, presidente do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP),² uma vez 60% dos/as participantes do ENEM são jovens mulheres.

Nesse sentido, ainda afirma o presidente do INEP: “lidar com esse tema não se apresenta apenas como ter a possibilidade de acesso à educação superior e gratuita no Brasil. Por seu intermédio, uma reflexão é estimulada em torno de assuntos fundamentais para a consolidação da democracia e para o aprimoramento da cidadania” (op. cit.). Afinal, uma vez que a sociedade custeia o ensino público no Brasil, com destaque para as universidades públicas, mas também às privadas que, de maneiras diversas, acabam por se beneficiar de recursos públicos. A educação é um dever do Estado, indiscutivelmente, portanto, é bastante pertinente que temas e questões inerentes ao convívio universitário de estudantes seja considerado apropriado à reflexão. O fenômeno da violência de modo geral, mas também entre jovens tem se constituído uma das questões centrais de transformação na sociedade.

Daí a pertinência que seja o tema de redação no processo de ingresso ao nível superior de ensino (ALMEIDA, 2017). Vale assinalar que, em meio as 5,5 milhões de redações corrigidas no ENEM, 55 textos chamaram a atenção, pois continham relatos vívidos de agressão e assédio — que eram, possivelmente, mais constituídos por depoimentos e testemunhos dos/as autores/as. Estes foram encaminhados, à época, à Secretaria de Políticas para Mulheres (SPM). Diante da constatação, o Ministério da Educação (MEC) e o INEP ofereceram, nas suas páginas eletrônicas oficiais, orientações para quem desejasse denunciar às autoridades por meio do Ligue 180 - Central de Atendimento à Mulher da SPM.³

2 Francisco Soares. ‘Enem, instrumento de cidadania’. Artigo publicado na Folha de São Paulo, Tendência / Debates, Opinião, A3, 1/11/2015.

3 Informação disponível em: (Correio Braziliense - 12/01/2016) MEC vai oferecer informações sobre como fazer denúncias): In: <http://www.compromissoeatitude.org.br/redacoes-de-alunas-no-enem-chamam-atencao-com-relatos-vividos-de-agressao-correio-braziliense-12012016/>.

Não foi por acaso que, na manhã de 9 de novembro/2015, foi divulgado o ‘*Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*’ editado pela Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais – Brasil (FLACSO-Brasil e pela ONU-Mulher, que traz dados alarmantes sobre o número de assassinato de mulheres. Com uma taxa de 4,8 assassinatos por 100 mil mulheres, em 2013, o Brasil registrava um aumento de 111,1%, em uma década (WAISELFISZ, 2015, p. 11). Esse panorama leva o Brasil a pior posição no *ranking* dos países com maior índice de homicídios femininos, passando da sétima posição em 2010 para a quinta no referido ano, em uma lista com a participação de 83 nações. Em particular, o Mapa mostrou que, entre 2003 e 2013, os assassinatos de mulheres negras cresceu 54%, enquanto o de mulheres brancas caiu 10%, e que durante essa década foram assassinadas no Brasil, aproximadamente, 90 mil mulheres.

Não foi por acaso que a mídia nacional noticiava [continua noticiando] cotidianamente informações sobre diversos tipos de violência praticados contra as mulheres nos espaços públicos e domésticos brasileiros, independentemente da condição social, geracional e com maior persistência em relação à raça/cor, conforme os dados explicitados. Dentre os espaços com plena expansão de expressividades da violência de gênero e contra as mulheres, observa-se um ‘avanço’ desenfreado seu em diversos *campi* universitários espalhados pela vastidão do país, onde se realizam: os ‘trotos violentos’, os assédios sexual e moral, além de estupros, e em algumas situações chegou-se ao assassinato.

É verdade que a visibilidade desse processo é recente, o que não quer dizer que a violência não venha sendo praticada, há muitas décadas, nos *campi* universitários brasileiros. Atualmente, percebe-se que muitas manifestações de violências que ocorrem no interior das universidades entre pessoas conhecidas, colegas de cursos, estudantes em geral, professores/as e servidores/as tem evidenciando um vasto e complexo leque de situações e de fatos, que se expressam através dos trotes agressivos, práticas de racismo e de homofobia entre estudantes, assédios sexuais e moral, agressões físicas e uso de uma semântica violenta ao nominar as jovens insinuando que são promiscuas, fáceis de ‘pegar’, etc. Há ainda as violências do racismo institucional, que de modo geral também fazem parte da classificação/nominação de ‘violência interpessoal’. Podem ocorrer em espaços privados e familiares entre parceiros/as íntimos/as; mas também se manifestam em espaços públicos e comunidades, durante os processos de sociabilidades. Aqui se trata de práticas de violências que ocorrem nas relações entre colegas, amigos/as, jovens universitários e entre as demais pessoas – professores/as e servidores/as que convivem e circulam dentro do *campus* universitário, onde relações de sociabilidades são

estabelecidas. Em outras palavras, pode-se afirmar que na violência interpessoal inscrevem-se pessoas próximas na convivência incluindo a frequência e a cotidianidade na convivência, onde atos fortuitos violentos, assédios, abusos sexuais ou violação por (des)conhecidos, além da violência em contextos e relações institucionais, comum nas escolas como o *bullying*, enquanto estratégia de coação psicológica, por vezes exercida de maneira bem insidiosa, são formas de perpetrar a presença cada vez mais constante da violência.

A violência interpessoal é sempre intencional, embora suas expressividades possam variar, por exemplo, do uso do poder através de ameaças contra outra pessoa, ou contra um grupo, ou contra uma comunidade. Pode resultar e agressão física, em lesão, dano psicológico e até morte. Pode-se argumentar que - “Não há propriamente uma única definição de violência, ainda que nas sociedades ocidentais atuais se atribua tal designação a um número cada vez maior de atos e situações. A proliferação de significados, nem sempre é coerente com a gravidade das características do significante, obriga a que se faça um esforço de reflexão, procurando identificar por detrás do termo os processos e as dinâmicas sociais que estão associadas à atribuição de tal rótulo.” (PERDIGÃO et. al., 2014, p. 24).

Em março de 2016, ocorreu o assassinato de Louise Ribeiro, jovem de 20 anos, estudante de biologia, morta por um colega de curso que se apresenta como seu ex-namorado. O fato ocorreu nas dependências do laboratório de Biologia da Universidade de Brasília-UnB. O motivo confessado pelo assassino foi o de que não suportava mais o fim do namoro. O rapaz alega ter sido tomado por um ímpeto feroz que o instigou a levá-lo a perpetrar a morte. “A verdadeira explicação é que os matadores de mulheres são homens que nos consideram como posse ou propriedade. Eles matam suas companheiras, namoradas, esposas ou filhas. Arrependem-se em seguida; quase todos confessam o crime, alguns poucos se suicidam. Não há enredo amoroso nesta tragédia, mas brutalidade naturalizada pela desigualdade entre homens e mulheres (...). O corpo de Louise foi largado em um matagal próximo ao campus”, afirma a antropóloga Debora Diniz.⁴

Fora dos *campi* universitários às circunstâncias da violência urbana (assaltos, furtos e sequestros relâmpagos, entre outros) também atingem estes jovens universitários, não se centrando, necessariamente, no sexo feminino, ao contrário do que vem se observando nos *campi*, pois, se nas décadas de 1970 e 1980 os agressores vinham de fora, isto é, não faziam parte constitutiva da

4 Debora Diniz. ‘Feminicídio no campus’. Secom UnB. Artigo publicado: OPINIÃO - 16/03/2016. Disponível: <http://unb2.unb.br/noticias/unbagencia/artigo.php?id=926>

comunidade universitária; atualmente, os agressores fazem parte da própria comunidade, portanto, convivem no interior dos *campi*.⁵ Em especial, as estudantes encontram-se em situações de violência que envolvem seus colegas, professores e funcionários da comunidade acadêmica.

Todos esses episódios cotidianos e constantes não são meros ‘acazos’ e/ou simples “coincidências” podem ser relacionados com os resultados divulgados pela Central de Atendimento à Mulher- Ligue 180, cujos registros foram realizados, quando esse serviço fazia parte da extinta Secretaria de Política para as Mulheres – SPM/PR. Os dados informavam que nos primeiros seis meses de 2015, foram contabilizados 179 relatos diários de agressões contra mulheres, somando em torno de 32 mil ligações advindas das 27 Unidades da Federação, no período. Estas abrangeram 55% dos municípios brasileiros e, aproximadamente, metade das ligações (16 mil) foi para relatar agressões físicas contra jovens (de 18 a 25 anos), o que representa 92 denúncias por dia. O segundo tipo de violência mais registrado foi o de agressões psicológicas, com cerca de 10 mil ligações. A perseguição de jovens e de mulheres, os assédios [os trotes], por exemplo, são tipos de violências que se enquadram nesses registros de denúncias. Em média, eram relatados 55 casos/dia de violência psicológica contra mulheres.⁶ Lamentavelmente estas informações não estão mais disponíveis atualmente pela mesma fonte.

Frente a esse contexto generalizado de violência contra as mulheres no país e, em particular, em ambientes universitários, estudantes vêm se organizando espontaneamente em coletivos feministas com vistas a denunciar, reagir, mas, sobretudo demandar políticas institucionais de prevenção e de enfrentamento. Não se trata de uma tarefa fácil, pois, ainda ocorre que “aqueles/as que denunciam os problemas e relatam os fatos expõem-se a retaliações que tem origem em grupos poderosos”, como afirma o Almeida Junior (2016, p. 16). Estes coletivos são constituídos por estudantes de diversos cursos e níveis de formação acadêmica, e também tem a participação de professoras que acolhem as jovens agredidas, encaminham para as primeiras providências e vítimas, tiram os casos da invisibilidade ao divulgá-los às autoridades universitárias, à mídia, muitos são encaminhados/registrados na Delegacia de Atendimento a Mulher-DEAM. Foram e continuam sendo exigidas providências dos/as gestores/as universitários/as e das autoridades policiais, jurídicas e

5 A propósito, a antropóloga Lia Zanotta Machado tem uma reflexão nesse sentido.

6 Dados disponíveis no site: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/10/179-relatos-de-violencia-contra-mulheres-por-dia-em-2015-o-balanco-do-ligue-180>> Acesso em: 02/11/2015. Vale registrar, que na oportunidade, o Distrito Federal apresentava a maior taxa de denúncias, tendo em média 60 ligações por cada 100 mil mulheres.

legislativas, bem como buscam criar mecanismos eficientes de resistência e proteção às agredidas e às alunas recém-ingressas (calouras) nas instituições de ensino. Além disso, alguns desses coletivos desenvolvem e participam de pesquisas sobre a questão da violência nos campi, que atinge tanto as instituições universitárias públicas como as privadas. Casos registrados já chegaram a cifras numéricas expressivas evidenciando tramas sorrateiras de abusos e vários tipos de violência, que não só agridem as jovens estudantes como as excluía(m) do convívio universitário impactando, a médio prazo, em suas carreiras profissionais.

A partir dessas considerações iniciais, o presente texto se propõe a refletir sobre as situações de violências identificadas no interior dos *campi* universitários, em algumas das universidades brasileiras, considerando como fonte de dados, as informações diretas: relatos e entrevistas; e secundárias notícias veiculadas pela mídia, além da bibliográfica acadêmica. O texto está dividido três eixos que interagem, a saber: i) as práticas do trote como um ritual violento de ingresso à universidade: ii) as violências insidiosas e ‘invisíveis’ dos ‘assédios, e, iii) a necessidade de nomear e de denunciar a violência: um ato político.

○ Trote⁷ - ritual violento de ingresso na universidade

“Em Leme, interior de São Paulo, um calouro foi chicoteado, forçado a beber pinga e a rolar em excremento de animais, além de ser amarrado a um poste e sofrer agressões. O garoto entrou em coma alcoólico e, abandonado na rua, foi internado como indigente. Ele deixou a universidade, que abriu uma sindicância para apurar o caso”.⁸

Ao adentrarem aos espaços universitários, o primeiro encontro que as jovens têm é com o ‘ritual de passagem’ conhecido como o *trote*. Ritual que as fascina, pois estão diante de um novo espaço, novas amizades, expectativas profissionais que se colocam, acabam participando sem clara noção do que significa e das relações de poder que estão em jogo. No geral, o trote se constitui

7 Esse termo vem de “trotar” a forma de andar do cavalo, que na verdade remete a quando o cavaleiro ensina o cavalo a andar conforme sua vontade, domesticando-o. Então, o trote seria uma forma do/a veterano/a ensinar ao/à calouro/a a como ser estudante universitário. Ao designar a andadura dos equídeos, por associação, o trote significa que os/as ingressantes nas universidades precisam “aprender” com os/as mais antigos/as a caminhar em direção a um novo universo. A propósito desse item tomamos por referência as obras do professor: Antônio Ribeiro de Almeida Junior e Oriowaldo Queda. *Universidade Preconceito e Trote*. São Paulo, Hucitec, 2006; e a obra individual: *Anatomia do Trote Universitário*. São Paulo, Hucitec, 2016. O professor pertencente aos quadros da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP) é pesquisador reconhecido sobre o tema “trotos violentos” desde 2001.

8 Faculdade: Centro Universitário Anhanguera Educacional. Curso: Medicina veterinária, 2009. Disponível: <http://mundoestranho.abril.com.br/cotidiano/quais-foram-os-trotos-mais-crueis-do-brasil/>

em episódio aceito e legítimo no meio universitário, cuja violência de diversas ordens é aparentemente dissimulada, mas, a cada ano, se torna mais explícita e bárbara. Em outras palavras, o trote que deveria representar o ritual de passagem ao ingresso na vida acadêmica e de formação profissional, como forma de sociabilidade e acolhimento, vem ocorrendo por meio de violências, como do uso de palavras e atos ofensivos, desrespeitos, humilhações e agressividades.

Não se trata da criação de um ritual novo e atual. Ao contrário, trata-se de uma prática secular, cuja história é permeada por vários tipos de violências, seja contra estudantes de modo geral, seja contra as jovens, de modo especial. Costume bárbaro que remonta à Idade Média, quando foram fundadas as primeiras universidades na Europa.

Informações históricas indicam que os primeiros registros da prática do trote datam do início do século XIV, ocorridos na região hoje correspondente à moderna Alemanha. Os calouros eram obrigados a andar nus e ingerir fezes de animais mediante a promessa de que poderiam se vingar nos novatos do ano seguinte. “Os alunos veteranos descontavam nos mais novos a repressão promovida em sala de aula por professores rigorosos”, afirma Zuin (2002, p. 12).

Ainda, devido à falta de higiene predominante à época, os calouros que chegavam com hábitos e comportamentos fora dos padrões cultuados nas universidades eram levados a assistirem as aulas separados dos veteranos, onde, de imediato, se estabelecia uma divisão hierárquica entre os dois grupos. O exemplo mais conhecido e citado, por vários autores é o que ocorria nas Universidades de Bolonha/Itália e Paris/França.⁹ Dentre os suplícios que lhes eram imputados aos recém-chegados destacava-se: raspar a cabeça raspada, arrancar os pelos, obrigar a ingerir bebidas estragadas ou fermentadas, além de ingerir urina e outros excrementos; práticas estas que no geral continuaram depois de séculos, a serem praticadas. Por fim, eram chamados de ‘feras’ pelos estudantes veteranos mais velhos¹⁰, analogia feita com um animal que necessitasse de ser amestrado. Outra designação também usada era ‘bixo’, demarcando-os com proximidade aos animais. Ambas as nomações caracterizavam a ‘diferenciação’, centrada em ‘exercícios’ de cuja violência encontra precioso significado.

Essa tradição europeia foi repassada ao Brasil, desde meados do século XIX, que apesar dos trotes aparecerem mais tarde, há registros que chegaram

9 Dados históricos relatados por Almeida Junior . et all, op. cit. 2006.

10 Informações históricas disponíveis no site: < <http://www.jualfiquepordentrodetudo.com/2014/01/qual-origem-do-trote-universitario.htm> > Acesso em: 3/11/2016).

logo após a vinda da Família Real para o Brasil, em 1808, época da criação das primeiras universidades.¹¹ Desde então, os estudantes brasileiros de famílias oligárquicas abastadas que iam estudar na Europa, sobretudo nas universidades portuguesas de Coimbra e do Porto, fascinados pelo que consideravam ‘brincadeiras’ copiaram a prática do trote instalando tal costume na vida universitária nacional. Tal fato, não deixou de reafirmar condições de poder, de um segmento de ‘estudantes braseiros’, que simbolicamente postaram o trote como ritual de distinção social, em benéfico de seus próprios privilégios e além de reforçar as dissimetria e desigualdades sociais.¹²

Vale lembrar que, no Brasil, desde 1831, já se registravam tragédias devido aos abusos decorrentes da aplicação de trotes, sendo que a primeira ocorreu com um estudante da Faculdade de Direito de Olinda, PE, que acabou morrendo durante desavenças ocorridas entre veteranos e calouros. Outros casos se seguiram, mais recentemente entre os anos de 1980 e 1999, pode-se lembrar: i) março de 1980, Carlos Alberto Souza morreu de traumatismo craniano devido às agressões sofridas por veteranos em Mogi das Cruzes, SP, porque não aceitou que cortassem seu cabelo; ii) em 1990, um estudante de direito de Rio Verde, GO, morreu de parada cardíaca, quando tentava fugir de veteranos;¹³ iii) em 1999, houve outro caso de morte, em que o calouro da Faculdade de Medicina/USP - Edison Hsueh¹⁴ - foi encontrado morto na piscina atlética dos alunos.¹⁵ A propósito conclui o Almeida Junior et al. (2006, p. 34) “...que, muitas vezes, professores, funcionários e ex-alunos acordam com a invisibilidade do trote, manifestando que são coniventes, pois têm conhecimento dos mesmos e ainda assim o apoiam e cobram que os rituais sejam realizados”. O docente ainda afirmou: “... que as ações fazem parte de uma rotina perversa de poder que existe dentro da universidade, e até agora, a gente não viu ninguém ser punido por trotes violentos. Isso precisa mudar, a punição tem que ser ‘exemplar’ (2016, p. 21).

11 Dados disponíveis no site: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/10/179-relatos-de-violencia-contra-mulheres-por-dia-em-2015-o-balanco-do-ligue-180>> Acesso em: 02/11/2015.

12 A propósito consultar as obras já citadas de Antônio Ribeiro de Almeida Junior e Oriowaldo Queda.

13 Em 1992 um estudante de economia da Pontifícia Universidade Católica/SP (PUC/SP) foi expulso após ter praticado um trote violento. Por isso, a universidade aboliu o trote de suas instalações, mas nem todas as instituições seguiram seu exemplo.

14 Depois da morte de Hsueh, a justiça e as universidades agiram em conjunto para estabelecer algumas normas para o trote. Foi criada uma nova modalidade de recepção aos estudantes novatos: Disponível in: <http://www.universitario.com.br/noticias/n.php?i=9712>

15 Informações disponíveis no site: <[https://www.google.com.br/search?q=%3A+http%3A%2F%2Fwww.jualfiquepordentrodetudo.com%2F2014%2F01%2Fqual-origem-do-trote-universitario.htm+I\(-consulta&rlz=1C1AVNC_enBR641BR642&oq=%3A+http%3A%2F%2Fwww.jualfiquepordentrodetudo.com%2F2014%2F01%2Fqual-origem-do-trote-universitario.htm+I\(consulta&aqs=chrome..69i57.4872j0j4&sourceid=chrome&es_sm=93&ie=UTF-8](https://www.google.com.br/search?q=%3A+http%3A%2F%2Fwww.jualfiquepordentrodetudo.com%2F2014%2F01%2Fqual-origem-do-trote-universitario.htm+I(-consulta&rlz=1C1AVNC_enBR641BR642&oq=%3A+http%3A%2F%2Fwww.jualfiquepordentrodetudo.com%2F2014%2F01%2Fqual-origem-do-trote-universitario.htm+I(consulta&aqs=chrome..69i57.4872j0j4&sourceid=chrome&es_sm=93&ie=UTF-8)> Acesso: 14/1/2016.

Observa-se que, desde o início, o trote era praticado entre rapazes e dirigido aos rapazes. Sabe-se que somente, a partir das três últimas décadas que as jovens ingressam, com expressividade numérica nas universidades. Mas a ausência delas não seria a única razão de mudanças nas relações de poder que entre os masculinos eram postas em teste. O segmento dos veteranos, de alguma maneira queria se afirmar como sendo o ‘mais poderoso’, portanto, não somente disputava a hegemonia de poder nos espaços de convívio universitário como também era questão de ‘honra’ mostrar-se mais poderoso frente aos ingressantes.

Seguindo o raciocínio da antropóloga Lia Zanotta Machado (2000, p. 13-14) que se indaga sobre “as transformações [que ocorrem] na contemporaneidade no que tange às relações de gênero, a partir do campo de observação: a conflitualidade e a violência nas relações amorosas e familiares. Seria possível falar a partir desta situação de um “patriarcado contemporâneo”? Ainda caberia deslocar as indagações ao perguntar: o trote seria uma expressividade de manifestação de valores patriarcais? A prática do trote vem se exacerbando, justamente, porque tem havido maior presença de jovens nos *campi*? Os “códigos relacionais da honra” masculina se exacerbam como decorrência da maior presença e participação feminina? (MACHADO, 2000, p. 14-15).

Em outras palavras, os veteranos, em nome de afirmar sua hegemonia, em nome da honra, de controlar, de fiscalizar os/as estudantes ingressantes, se afirmam na prática do trote. Vale lembrar, que com o ingresso significativo das jovens estudantes, os comportamentos e atitudes masculinas mudam nas relações de gênero, pois a presença de jovens mulheres que passaram a compartilhar, os cursos, os ambientes universitários e a circular pelo *campus*, de alguma forma, passam a ‘incomodar’ e a colocar em questão essa hegemonia masculina, seja pelo bom desempenho que evidenciam, seja pela autonomia que detêm, seja ainda pela condição de ‘atuais’ e ‘futuras’ competidoras no mercado de trabalho.

A cena abaixo evidencia bem claramente o que se quer explicitar, ou seja, o controle hegemônico de veteranos sobre as jovens calouras. Observe que na foto só estão deitadas, somente as garotas, de costas para cima, para evidentemente evidenciar certas partes do corpo.

Imagem n. 1

Trote – Tradição ou humilhação?

Calouras deitadas de costas obedecendo ao comando dos veteranos
São Paulo, 2014



Fonte: <<http://www.revistaforum.com.br/digital/134/trote/>>

A cena é grotesca e indica a condição de passividade das estudantes servindo como instrumento de prazer masculino. Em outras palavras, se encontram deitadas, mandadas, enfim, em condição de subjugação feminina. “Uma das grandes alegrias da vida é humilhar seus semelhantes” (DESPROGES *apud* HIRIGOYEN, 2000, p. 9).

Tem-se observado que embora as administrações universitárias tenham se movimentado, talvez não o suficiente para erradicar tais práticas, o trote continua acontecendo incessantemente, cujas formas de humilhações, violências e de preconceitos degradam a convivência universitária e inviabilizam uma sociabilidade sadia entre os/as estudantes. Mas o que mais chama atenção é a centralidade na sexualização das jovens. O corpo feminino passa a ser objeto de desejo para o escárnio. A imagem abaixo mostra uma cena humilhante, onde todos/as diante da cena estão entre o gozo coletivo e a estupefação.

Imagem n. 2

**Gozo coletivo: alunos “escorregam” por corredores do prédio da UnB
Brasília, UnB, 2013**



Fonte: <<http://veja.abril.com.br/educacao/calouros-da-unb-passam-por-trote-humilhante/março, 2013>>.

A imagem mostra que os novos alunos – já sujos de tinta, ovos, farinha e vinagre e sem camisa tiveram que escorregar por uma poça de água no corredor do Minhocão. Estudantes veteranos incentivavam para que os demais também fizessem o mesmo

Em outra brincadeira, os veteranos do curso de agronomia da UnB obrigavam as calouras a lamberem uma linguiça encapada com um preservativo e coberta com leite condensado, como parte do trote aplicado as recém-aprovadas no curso, fazendo com que elas praticassem sexo oral em linguiças colocadas em bonecos.

Em artigo recente sobre os trotes praticados por estudantes da Universidade de Brasília/UnB (BANDEIRA e ALMEIDA, 2011) se perguntavam: Qual o conjunto de valores, interesses e mensagens que está presente nas “brincadeiras” atuais de se fazer as calouras, em plano abaixo ao dos líderes, lamberem e chuparem uma linguiça lambuzada de leite condensado, numa representação clara e vulgar de sexo oral? Ou, ainda por serem leiloadas por seus atributos físicos, tendo como parâmetro estético aquelas que são tidas como as “gostasas” para o sexo, aquelas que encarnam ser o objeto de desejo? Ou,

ainda, terem que declamar o juramento de que não diminuirão o “p.” dos veteranos, não ficarão barrigudas e carecas, assim como terem que ouvir dos calouros que estes as fornecerão para os veteranos, como se fossem propriedade daqueles e moeda de troca para garantir o bem-estar deles no novo ambiente?

Imagem n. 3

Trote na UnB. Veterano fantasiado com a faixa da presidenta obriga estudante a lamber uma linguiça. Brasília, janeiro, 2011.



Fonte: <<http://noticias.r7.com/educacao/noticias/trote-na-unb-obriga-alunas-a-fazerem-sexo-oral-em-linguicas-20110203.html>> (29/01/2011).

A direção da universidade chamou a brincadeira de “festa da humilhação”. O caso foi denunciado à Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da presidência da República-SPM/PR. O órgão prometeu apurar o caso, classificado como “ridicularização e desrespeito às mulheres”. Também, na ocasião a SPM/PR chegou a pedir esclarecimentos à direção da UnB sobre este trote, que foi visto como se fosse uma brincadeira, no qual as calouros do curso de agronomia lamberam uma linguiça com leite condensado costurada na braguilha. Para a SPM houve sem dúvida, além da humilhação das estudantes, a prática de assédio sexual, cujo trote, rebaixou a dignidade destas estudantes. Outras estudantes foram leiloadas, em função de seus ‘atributos’ sexuais.

Sofriam a humilhação de ter que desfilarem em uma espécie de passarela, a qual rodeada pelos rapazes, sobretudo veteranos, era oferecida quantias em dinheiro pelos ‘atributos’ sexuais.

O Conselho Universitário da UnB, em maio de 2012, ratificou a decisão da instituição que manteve proibida a venda de bebidas alcoólicas e vetou a realização de “trotos sujos” nos *campi* da universidade. Porém, a norma não previa punição para manifestações “espontâneas” e “não degradantes”, como o tradicional trote com tinta, ovo e farinha. Se a decisão veio depois de uma série de trotes violentos, onde estudantes do curso de mecatrônica da faculdade de Tecnologia, eram obrigados a consumir bebidas alcoólicas de permanecer de joelhos, joelhos, a atuação da administração universitária em nada adiantou, pois foi ‘desobedecida’, na sequência.

Há outras universidades públicas em que a situação do trote é bastante grave. Aqui destaco o que vem ocorrendo na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/USP (ESALQ/USP). Segundo informações disponíveis na bibliografia, mas também na internet, um manual supostamente produzido por veteranos da ESALQ, com conteúdo discriminatório e ofensivo, estava sendo vendido dentro da instituição aos calouros até recentemente, no início do ano de 2016. Frases como “Bixo NÃO ACHA nada; Doutor NUNCA foi bixo; Bixo NUNCA será doutor”, compõem o livreto, que teve seu conteúdo denunciado à diretoria da universidade.

A cartilha, que integra o chamado “Kit Bixo”, era vendida por R\$ 80,00 aos estudantes calouros. Também, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e na mesma época, um manual de calouros causou polêmica e revolta. Nele é dito que “os ‘bixos’ devem ser submissos aos veteranos” e que “são uma raça inferior e por isso não podem exigir nada”. Traz ainda frases machistas, por exemplo: “ache a beleza por partes: um dia você pega uma feia com coxa boa, outro dia uma feia com o peito bom”.

Imagem n. 4

Foto da capa do Manual do Bixo oferecido a venda aos estudantes.

São Paulo, 2015



Fonte: <<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2015/03/manual-do-bixo-incentiva-violencia-e-consumo-de-bebida-alcoolica-na-usp-piracicaba.html>>

Durante os meses de fevereiro e agosto, comumente se realiza a prática conhecida como *Pedágio*. Isto é, encontram-se grupos de calouros pintados nos semáforos próximos das universidades coagidos a pedir dinheiro nas ruas; diante dos veteranos, os novatos, muitas vezes quase nus, se ajoelham e recebem cerveja na cara, latinhas (vazias ou cheias), e por vezes até fezes e urina. Ainda os rapazes, no geral, já estão pintados e com cabelos raspados. Por sua vez, sob o comando dos veteranos, as jovens devem vestir-se com pouca roupa, blusas decotadas e pernas de fora, quando não semi-nuas. O dinheiro arrecadado geralmente é usado em festas de confraternização nos bares e centros acadêmicos.

E por fim, exemplifico com o ocorrido recentemente na recepção dos calouros do curso de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O caso ganhou dimensão nacional devido ao forte preconceito em relação à população negra e acabou se transformando em polêmica nacional. As manifestações contrárias ao trote evidenciavam as condições de preconceitos em relação à condição racial e de gênero, manifestando-se nas redes sociais. Na foto mais polemica aparece uma jovem pintada de preto e traz dependurado um cartaz no pescoço com os dizeres: “caloura Chica da Silva”; suas mãos estão acorrentadas e um rapaz sorridente segura essa corrente, evidenciando sua condição de prisioneira e de subjugada.

Imagem n. 5.

Jovem pintada de preto e amarada por uma corda no pescoço Trote na Faculdade de Direito da UFMG



Fonte: Humberto Trajano e Raquel Freitas-GI/MG (Foto: Reprodução/TV Globo): Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/03/ufmg-apura-trote-polemico-em-calouros-do-curso-de-direito.html>>

No Brasil, apesar de diversos relatos de violência do trote que resultaram em ferimentos e danos psicológicos aos estudantes em geral, foi somente a partir de 1999, com a morte de um calouro na Universidade de São Paulo, vítima de afogamento após o trote, que o problema passou a serem considerado. No entanto, a discussão é ainda frágil e as diversas medidas que objetivavam humanizar o trote, reduzindo o uso de bebidas e de práticas humilhantes, a erradicação da violência não ocorreu, mesmo naquelas instituições e com os estudantes que se voltaram para o chamado ‘trote solidário’.

Alguns anos depois o trote continua se expressando sob a forma de assédio moral. Calouros pintados e ajoelhados observam veterano em trote na Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília. Vale lembrar Hirigoyen (2000, p. 10) quando afirma: “Um indivíduo pode conseguir destruir o outro por um processo de continuo atormentante assédio moral (...) o ardor furioso desta luta acabe em verdadeiro assassinato psíquico”.

Imagem n. 6

Qual é o limite entre o trote e o crime?

Universidade de Brasília, 2011



Fonte: <<https://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/qual-e-o-limite-entre-o-trote-e-o-crime.jhtm>>

As violências insidiosas e ‘invisíveis’ dos ‘assédios’

As possibilidades de trotes são imensas e o uso de criatividade é posto à prova para criar trotes maldosos e diferenciados para cada gênero, como *bullyings*, agressões físicas e sexuais. Assim, os trotes são associados a um *continuum* de outras formas de violência, nem sempre tão visíveis, mas insidiosas, que estão presentes no interior dos *campi* universitários, onde também se lo-

calizam as repúblicas estudantis, as moradias e casas universitárias, bibliotecas, parques e praças. Um depoimento ilustrativo: “Na tentativa de estuprá-la, ele falava: tudo bem, você não precisa querer, vai ser rápido”. Esse é o relato de uma estudante de veterinária da Universidade de São Paulo (USP), que denunciou ter sido estuprada por um universitário intercambista em uma república de Pirassununga (SP). Caso está sendo apurado pela Polícia Civil e por sindicância da universidade.¹⁶

No show da faculdade de Medicina da USP (março de 2014), oferecido aos/às calouros/as, estes/as passaram por várias sessões de ensaio durante a madrugada onde têm de simular sexo entre si, além de serem forçados a beber. “Você é amarrado numa cadeira para não cair de tanto beber. E vai tomando destilados até passar mal e desmaiar. Quando você não aguenta mais, outro colega faz você beber ainda mais”, disse um estudante, relatando que teria caído de cabeça e tido traumatismo craniano¹⁷. A situação tem recorrência, na medida em que desde 1993, Ugo Luís Boattini Junior, aprovado no curso de engenharia da Unesp de Guaratinguetã (SP), abandonou a vaga depois de sido submetido a barbáries e humilhações. O então calouro foi muito agredido e teve um peso de sete quilos amarrado a seus órgãos genitais, o que também se configurou como uma violência sexual. Sem dúvida que não se pode desprezar o elevado consumo de álcool e drogas por estudantes, seja durante os trotes, seja no convívio cotidiano. É sabido que o consumo de álcool contribui para aumentar práticas de violência entre os jovens.

São muitos os depoimentos, pois, outra estudante da ESALQ afirmou que os calouros são obrigados a comer comida estragada, misturada com vômito, e que não podem deixar o local enquanto não terminarem. “Eles fazem uma mistura com vômito e comida podre e obrigam as pessoas a comer. Quem não come, é agredido e não pode sair do lugar».¹⁸

Providências por parte das autoridades universitárias tem havido, no entanto, os resultados, seja para prevenção, seja para erradicação da prática do trote, são ainda bem escassos. Cinco professores da ESALQ foram convocados para depor na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), criada na USP para apurar os trotes (2014). Deputados da Assembleia Legislativa

16 Depoimento disponível no site: <<http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2014/12/estudante-da-usp-denuncia-estupro-ele-dizia-que-eu-nao-precisava-querer.html>> Acesso em: 13/10/2015.

17 Disponível no site: <<http://www.adusp.org.br/index.php/correcao/2373-debate-sobre-violencias-de-genero-e-raca-nas-universidades-coloca-em-xeque-a-indiferenca-da-usp-frente-a-violencia>> Acesso em: 23/11/2015.

18 Depoimentos disponíveis no site: <<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2015/03/manual-do-bixo-incentiva-violencia-e-consumo-de-bebida-alcoolica-na-usp-piracicaba.html>> Acesso em: 11/03/2015.

de São Paulo (Alesp) concluíram na tarde desta terça-feira (10/03/2015), a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investiga violações de direitos humanos em universidades paulistas. Depois de 35 sessões e mais de 100 depoimentos, os deputados integrantes da comissão ouviram opiniões de professores e especialistas e o depoimento de vítimas que relataram casos de abusos em sete instituições: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e de Campinas (PUC-Campinas), e da Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI).¹⁹

Imagem n. 7

Integrantes da Atlético da FMUSP prestam depoimento na CPI dos Trotes: USP, 10/03/2015



Fonte: (Foto: Reprodução/Alesp).

¹⁹ Vale destacar que a última sessão da CPI foi realizada na segunda-feira (9) em Campinas, mas 15 das 17 pessoas convocadas para prestar depoimento faltaram à comissão. A sessão durou das 9h45 às 11h15. Dos faltosos, oito justificaram a ausência por terem conseguido habeas corpus no Tribunal de Justiça de São Paulo (TJSP). A decisão judicial garantia o direito de não serem presos por falso testemunho e desobediência, informou o procurador Marco Antônio Beneton, um dos responsáveis na Alesp por acompanhar a CPI. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/apos-denuncias-em-7-universidades-cpi-dos-trotes-acabam-esta-terca.html>>

Depois dos resultados da CPI, um grupo de quase 100 professoras e pesquisadoras da Universidade de São Paulo (USP) criou, na noite da quinta-feira (23/04/2015), uma rede de apoio às alunas e alunos vítimas de violência sexual e de gênero nos *campi* da instituição. Batizada de “Quem cala consente?”, a rede teve sua primeira reunião no auditório da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), que foi um dos principais alvos de denúncias de estupro e violação de direitos humanos na (CPI) da (Alesp).

A professora de antropologia Heloísa Buarque de Almeida, especialista em questões de gênero e ex-coordenadora do programa USP Diversidade, garante que algumas denúncias vêm chegando à Rede Não Cala (antiga Quem Cala Consente), criada por professoras da Universidade e da qual a pesquisadora faz parte. Comentou que tem se deparado com muitos casos de violência sexual contra estudantes mulheres na universidade e afirma que o mais assustador não é apenas o caso em si, mas a naturalização dele pelas instituições, que ignoram a violência sexual praticada dentro do ambiente universitário, a fim de preservarem sua imagem. Casos de abusos e assédio sexual ocorridos no âmbito universitário são por ela apontados, que também critica: “A universidade soube de alguns desses casos e foi omissa. Há denúncias, elas chegam à diretoria dessas unidades e os próprios diretores dizem para os estudantes não fazerem as denúncias, para que ‘eles não sejam expostos (...)’”

“Heloísa sustenta que a Superintendência de Assistência Social (SAS) não tem conseguido lidar com casos de violência sexual e assédios, sendo, muitas vezes, omissa em acolher as vítimas e punir agressores. Os funcionários da recepção e vigilância também não estariam preparados para agir. De acordo com a professora, é comum que os acusados não sejam afastados da moradia por conta da situação socioeconômica delicada em que se encontram os moradores do Crusp, geralmente de baixa renda e distantes de suas famílias. A pesquisadora diz que os agressores são, em grande medida, conhecidos, e permanecem morando no conjunto”.²⁰

Por fim, concorda-se com a profa. Heloísa, ao afirmar que os trotes aplicados aos calouros universitários são vistos como parte de um universo de problemas “institucionalizados” no ambiente acadêmico. Lembra que o trote é uma “tradição de escola militar”, que ensina o calouro a “obedecer sem pensar” e, ao se calar, criando uma “comunidade de segredo” e uma “hierarquia geracional”, colocando o veterano como alguém superior ao ingressante.²¹

20 Disponível em: <<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2015/12/abuso-sexual-nas-moradias-constante-e-negligenciado>>

21 Disponível no site:< <http://www.adusp.org.br/index.php/correcao/2373-debate-sobre-violencias-de-genero-e-raca-nas-universidades-coloca-em-xeque-a-indiferenca-da-usp-frente-a-violencia>> Acesso em: 23/11/2015.

As consequências do trote se tornaram uma forma extrema de barbárie, que culminou em todo o país, resultando em acidentes, mortes e tragédias, como citado anteriormente. O pior é que se torna um círculo vicioso, sendo que o trote é passado de veterano para calouro, isto é, de geração a geração. Assim, quem sofreu violência ou *bullying*, depois passa a ser o autor dessa prática. Por fim, um depoimento ilustra a ousadia dos veteranos em relação a estudante caloura: “Os veteranos me pediram para beijar um deles, que seu eu não beijasse iam tirar meu sutiã. Não quis e eles começaram a me bater. Minha amiga não quis beber, jogaram pinga nos olhos dela”. (INSTITUTO AVON, 2015). “Em 2016 novos continua ocorrendo casos de trotes violentos”. Manchete estampada nas redes sociais.²²

Nomear e denunciar a violência- ato político

Segundo a pesquisadora Jane Caputi, “quando as coisas têm nome, já não se pode ignorá-las”.²³ Nomear para visibilizar e denunciar a(s) violência(s) sofrida(s) devem se constituir antes de tudo em um ato político para as mulheres, uma vez que se faz necessário lutar contra ela, e não permitir que desapareça na bruma de impunidade, ao mesmo tempo em que se expressa uma visão crítica sobre o mundo. Ao não se negar essas atitudes, com certeza, contribui-se para tornar a violência invisível que, de certa forma, caracterizaria tanto o apoio à supremacia masculina como do seu caráter inevitável. Nesse sentido reafirma Caputi (2016, op. cit s/p):

“Você é uma mulher boa se for passiva e, pelo contrário, é uma má mulher se for autônoma ou/e sexualmente ativa” afirma. Tais representações da violência dos homens contra as mulheres estão glorificadas, sexualizadas no cinema, na literatura, na televisão e nas artes. De modo geral as, mulheres, vivem sob um contínuo padrão de terror, pois, nunca estão a salvo e isso as faz mudar comportamentos, atitudes além de conviver com situações de medo. A mulher tem interiorizado que podem ser vítimas da violência sexista a qualquer momento, em qualquer lugar e de maneira aleatória; na universidade, no trabalho, nas relações familiares, seja por alguém conhecido ou desconhecido. “O terror feminino é continuamente alimentado” (CAPUTI, 2006, op. cit.s/p).

No geral a violência insidiosa, nem sempre é percebida pela mulher que pode se expressar pelo uso de uma palavra contundente que a humilha, que mente, que faz alusões malévolas, e por fim, que a nomina pejorativamente, sem que se “sujem as mãos” afirma Hirigoyen (2000, p. 9). ‘Bixete’ é o nome

22 Reportagem disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/Em-2016-novos-casos-de-trotes-violentos-entenda-mais-sobre-o-sentido-dos-trotes-universitarios>

23 Afirmação retirada da entrevista da feminista e acadêmica Jane Caputi, publicada no dia 6/1/2016, s/p. Disponível: <<https://br-mg6.mail.yahoo.com/neo/launch?.rand=duhfd006fc178#3883135939>>

dado às jovens mulheres calouras. O depoimento a seguir é ilustrativo, a semelhança do que ocorre na UnB:

“Eu, depois do ocorrido, comecei a perceber o quanto é necessário que nós mulheres lutemos pelos nossos direitos de andarmos na rua com a roupa que quisermos, na hora que acharmos conveniente, acompanhadas ou não”, afirma a ex-estudante de biomedicina da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que trancou o curso após sofrer frequentes assédios que culminaram em um estupro ocorrido no campus no dia 29 de agosto de 2015. Ela, que não será identificada, foi para sua cidade natal ficar junto à família e precisou desistir de estudar na universidade, em Recife - cidade que havia escolhido para fugir do “caos e estresse” e pela qualidade acadêmica de ensino no curso que escolheu. Não planeja voltar. Agora, espera que a Universidade e o Estado adotem medidas para evitar novos casos de violência contra as estudantes”.²⁴

Essa estudante não sofreu ameaça de morte física diretamente, mas a violência a ela desferida foi muito forte e impactante, levando-a a desistir de permanecer no curso e a se sentir desacreditada e impossibilitada de seguir sua trajetória acadêmica em instituição prestigiada e de difícil acesso e permanência. Trata-se de mais de que uma ameaça simbólica, que deteriora e desestabiliza sua condição de mulher e sua capacidade de formação profissional.

Para enfrentar essas violências no interior dos *campi* as estudantes tem se mobilizado na formação de grupos ou coletivos de resistência, que se centram em torno de oferecer acolhimento as jovens, mas também organizar oficinas e outras formas de mobilização no sentido de estimular práticas de prevenção e de acolhimento. Resistir ao descrédito e as suspeitas que as jovens vivenciam quando têm coragem de denunciar publicamente e exigir providências, tem sido outra forma de apoio dado pelos coletivos, uma vez que as denúncias são, na maioria das vezes, pré-julgadas, com a minimização dos fatos.

Atualmente, as regras de conduta entre os universitários (jovens que circulam no *campus*) mudaram, uma vez que se observa maior liberdade, mais ousadia e agressividade em relação ao convívio acadêmico que em período recente da história brasileira, como a época da ditadura militar. As disputas entre homens em relação a estar em relacionamentos sexuais descompromissados, o que em gíria corrente seria ‘pegar’ as jovens, têm sido cada vez mais acentuadas, passando por desafios pautados por códigos de honra e de poder masculino, que suplantam qualquer limite.

24 Artigo escrito por Laís Araújo - Diário de Pernambuco. Disponível: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2015/09/24/interna_vidaurbana,599727/vitima-de-estupro-na-ufpe-pede-medidas-de-seguranca> Acesso em: 25/10/2015.

Na UFPE, um projeto que visa tornar público casos de assédio e violência sexual foi objeto da mobilização de mais de 200 estudantes (foto abaixo). As organizadoras, uma aluna de artes visuais e três amigos favoráveis à causa, pretendem recolher depoimentos e fotografar mulheres que possuam denúncias similares. Maria Eduarda Leão, uma das criadoras do projeto - ainda sem nome definitivo - conta que estudantes já procuraram o grupo e explica a necessidade do ato. “Queremos que ele dê voz as meninas, que elas possam ter um meio para divulgar suas histórias, além de alertar outras sobre lugares dentro e nos arredores do campus que sejam mais perigosos. Muitas vezes não acreditam nelas ou falam que elas estão fazendo tempestade em copo d’água. E não só tentativas de estupro, mas assédio que elas sofrem por outros alunos, funcionários, professores...”.

Imagem n. 8

Imagem da reunião ocorrida com aproximadamente duzentas estudantes da Universidade/UFPE – Recife, 2015.



Fonte: Foto: Claudia Assencio/G1(disponível: 11/03/2015 13h08; consulta em 15/12/2016): <<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2015/03/manual-do-bixo-incentiva-violencia-e-consumo-de-bebida-alcoolica-na-usp-piracicaba.html>>

Para a Profa. Liana Lewis, do Departamento de Sociologia da UFPE, a violência sexual contra a estudante reflete uma situação cultural mais ampla, que classifica como cultura do estupro. “Nessa cultura o controle sobre o corpo da mulher, de maneira extremamente violenta, é amplamente naturalizado.

O estupro é um de seus mecanismos, que coloca para mulheres que, além de seus corpos estarem à disposição dos homens, eles devem permanecer sob o julgo do espaço privado. Vale ressaltar que Pernambuco é um dos estados do Brasil que possui um dos maiores índices de violência contra a mulher”.²⁵

Estudantes fizeram também intervenções em outras universidades, exibindo fotos e, com isto, indicando os lugares mais vulneráveis a prática de violências sexuais.

Imagem n. 9

Cartaz exposto na dependência da USP:

‘Aqui ocorreu um estupro’

São Paulo, 2015.



Foto: Grupo Estupros na UFPE/Reprodução²⁶

25 Artigo escrito por Laís Araújo - Diário de Pernambuco. Disponível em: < http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2015/09/24/interna_vidaurbana,599727/vitima-de-estupro-na-ufpe-pede-medidas-de-seguranca> Acesso em: 25/10/2015.

26 Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2015/03/manual-do-bixo-incentiva-violencia-e-consumo-de-bebida-alcoolica-na-usp-piracicaba.html>>

Cartaz de repúdio também foi colocado pelas estudantes da USP.

Imagem n. 10

O Cartaz exposto no Centro de Vivência da Esaq/USP-Piracicaba, 2015.

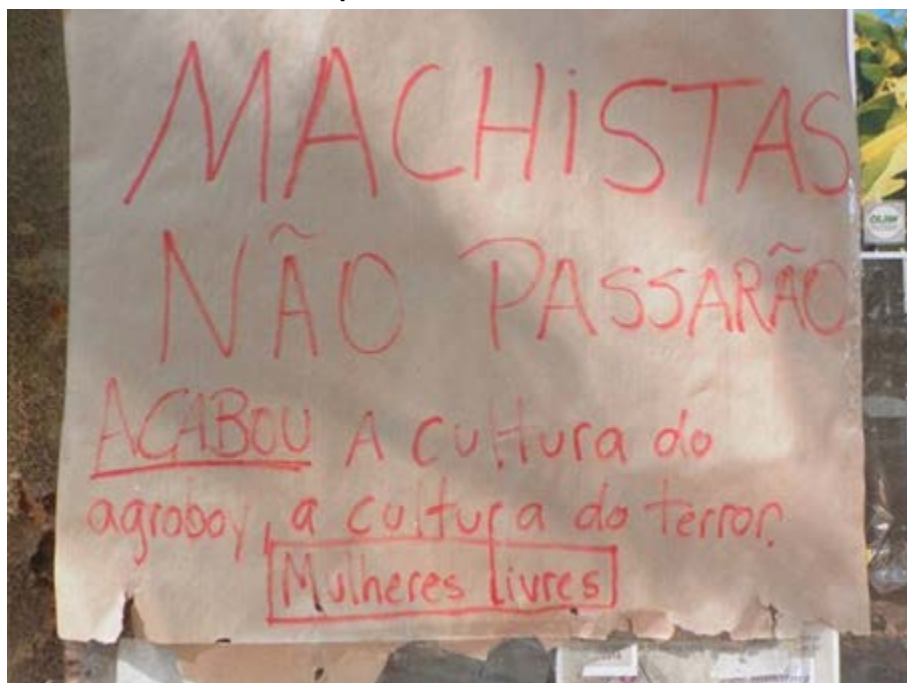


Foto: Claudia Assencio/G1 (disponível:11/03/2015 13h08; consulta em 15/12/2016): <<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2015/03/manual-do-bixo-incentiva-violencia-e-consumo-de-bebida-alcoolica-na-usp-piracicaba.html>> .

Jovens se juntaram e fizeram cartazes de repúdio ao material exposto no final de maio de 2015 com os termos preconceituosos, mas os primeiros protestos também foram retirados do Centro de Vivência. “Foram arrancados por alguém que se incomodou e, após isso ter ocorrido, elas voltaram a fazer mais cartazes”, afirmou.

Os recorrentes atos de violência sexual ocorridos em vários *campi* universitários mostram que a sociedade não está dando o devido valor a essa questão, e que a maioria das instituições percebe a violência sexista de forma naturalizada e como algo de foro íntimo. A violência deve ser nominada, publicizada e denunciada. O movimento feminista cunhou a máxima: ‘o pessoal é político’

para que nenhuma mulher seja silenciada ou sinta como a violência fosse apenas da esfera privada. Lamentavelmente, em boa medida, a maioria das Instituições de Ensino Superior silencia e ignora a violência sexual praticada em seus espaços, com vista a preservar sua imagem institucional.

Segundo a Profa. Liana Lewis, UPPE,

“(....) é preciso compreender que os casos de estupro não são fatos isolados e que para vencer a questão é necessário um enfrentamento coletivo - com políticas públicas, como Delegacias Especializadas de Atendimento a Mulheres e Centros de Referência em Atendimento a Mulheres Vítimas de Violência. Mas, sobretudo, são necessárias ações conjuntas, entre gestores públicos, comunidade acadêmica e sociedade, na construção de um debate que venha ao encontro da revisão dos valores machistas, permitindo que os próprios jovens impeçam o desenvolvimento da violência contra as mulheres” (Diário de Pernambuco; op.cit).

Para a especialista, no entanto, o país não caminha com tranquilidade para a direção da prevenção, pois, questiona:

“Como podemos investir na prevenção se as discussões sobre as temáticas gênero e sexualidade estão sendo proibidas nas Escolas? Como preparar as crianças para não cometer violência contra as mulheres se é proibido falar sobre o assunto? É lamentável que os temas sobre equidade de gênero e respeito às diferenças estão sendo distorcidos e escondidos nos armários da ignorância”.²⁷

○ que leva um estudante a agredir sua colega universitária?

Para concluir, pergunto: o que leva um estudante a agredir sua colega universitária? Das informações e relatos expostos e dos dados trazidos pela pesquisa da AVON, de que 67% das universitárias relataram ter sofrido algum tipo de violência dentro das universidades, assim como de que 38% dos estudantes do sexo masculino terem admitido já ter cometido algum tipo de violência no ambiente universitário, pode-se observar que alguns elementos causais, embora sejam múltiplos e complexos são determinantes a essas ações (INSTITUTO AVON, 2015).

Tem-se afirmado em análises anteriores já publicadas (BANDEIRA E ALMEIDA, 2011), que a ‘violência vem sendo aprendida’ no decorrer do processo de socialização. O educador americano Jackson Kartz afirma que: “Gosto de dizer que [a violência] não é um comportamento que se aprende, mas que se ensina”. E continua: “precisamos questionar: o que faz com que um menino amável na infância bata em sua namorada na adolescência? Tem

27 Informações e referências disponíveis em: < http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2015/09/24/interna_vidaurbana,599727/vitima-de-estupro-na-ufpe-pede-medidas-de-seguranca Acesso em: 25/10/2015.

a ver com a genética ou com a forma como educamos as crianças?” (KARTZ, 2016, p. 16).

Evidentemente não tem nada a ver com a genética. Ao contrário. Não sei se haveria tanta diferença – em aprender e/ou ensinar a violência. Pode-se coincidir plenamente com o educador. Quem ensina aprende e o contrário também é verdadeiro. Isto é, todos os valores que são aprendidos ou ensinados acabam sendo incorporados pelas crianças, seja no interior da família, da escola como de outras instituições sociais. No geral, valores ‘tradicionais’ parecem ser recorrentes em relação à formação de determinadas atitudes e comportamentos que caracterizam a definição do que é *ser homem* e a conseqüente da *masculinidade* e do que é *ser mulher* e da *feminilidade*. Nos processos de socialização doméstica/familiar assim como nos rituais de formação escolar ainda são feitas distinções em relação aos comportamentos e atitudes mais consideradas ‘mais adequados’ às meninas e aos meninos.

Ainda predominam crenças tradicionais no interior das famílias e no sistema escolar fundamental em relação a valores não igualitários na formação de meninas e de meninos que acabam sendo repassados geracionalmente, com custos enormes, em relação ao seu rompimento. Um bom exemplo são as aulas de educação física, onde ainda as garotas são destinadas a certos tipos de práticas e os rapazes a outras, estimulando-se a eles o uso da força, competição e até da agressividade; características seminais de formação de futuros comportamentos misóginos que vão reforçar, no futuro, uma cultura machista que se desloca, no decorrer do tempo para as escolhas profissionais, incorporando-se nas carreiras, nas diferenças salariais, na ocupação de postos de comando e de decisão. O reforço destes estereótipos e de desigualdades de gênero tornam-se evidentes, cujas conseqüências são as práticas de violências.

Nesse sentido, há inúmeros outros exemplos e por demais conhecidos, desde a preparação ao nascimento, como aqueles que acompanham as/os jovens no decorrer da vida, e que acabam ingressando e interferindo na formação superior à consequente vida profissional. Como destaca SEN (2006, s/p):

“Desigualdad en la natalidad. Dada la preferencia que se tiene por los niños varones en las sociedades dominadas por los hombres, la inequidad de género puede manifestarse en la inclinación de los padres a tener un hijo en lugar de una hija. Hubo un tiempo en que esta inclinación no pasaba de ser un deseo —un sueño o una pesadilla, dependiendo del ángulo desde el que se mirara—. Pero con el acceso a las técnicas modernas para determinar el género de un feto, el aborto sexoselectivo se ha vuelto común en muchos países. Es una práctica generalizada en el Asia oriental, sobre todo, y en China y Corea del Sur en particular; pero también se advierte

en Singapur y Taiwán, y comienza a surgir como un fenómeno estadísticamente significativo en la India y en otras partes del sur de Asia. Se trata de un sexismo de alta tecnología”.

Para além da escolha ‘tecnológica’ do sexo, valores como respeito, tolerância, solidariedade, assim como ensinar a conviver com as diferenças, com o olhar plural em relação ao ‘outro’ – o estrangeiro, o estranho ainda está aquém de uma formação básica, não sendo uma prática dominante e isso é perfeitamente percebido tanto no interior do sistema educacional como um todo, assim como na violência institucional. Quando um jovem universitário afirma: “Tem mulher que não se respeita, que usa umas roupas para se oferecer” (INSTITUTO AVON, 2015), essa visão machista reafirma o dito acima como está visivelmente impregnada na cultura juvenil universitária brasileira, e com certeza não foi aprendida na universidade, mas foi trazida para dentro dela. Como afirma o educador Jackson Kartz “...fica fácil culpar a vítima e levantar dúvidas como: ‘que roupa ela estava usando?’ ou “ela provocou?”(KARTZ, p.16).

A hegemonia de uma lógica viril é facilmente identificada quando estudantes homens ainda não reconhecem muitas das violências: 27%, não consideram violência abusar da garota se ela estiver alcoolizada; 35%, não consideram violência coagir uma mulher a participar de atividades degradantes como desfiles e leilões; e, 31% (não consideram violência repassar fotos ou vídeos das colegas sem autorização delas. Os dados indicam a completa ‘alienação masculina’ sobre o fenômeno. Não há nenhuma atitude ou consciência crítica por parte dos mesmos, embora sabendo que, histórica e estatisticamente, já foi provado que a maioria das agressões provém dos homens. Portanto, chegou o momento em que a centralidade de políticas públicas deve deslocar-se aos homens, uma vez que são o centro das preocupações.

Conforme indicam as pesquisas (INSTITUTO AVON, 2015), uso abusivo de coerções como obrigar a ingestão forçada de bebida alcoólica ou de drogas, forçar as estudantes a participar em atividades degradantes atinge parte significativa das estudantes: 12% das entrevistadas declararam que foram obrigadas a ingerir bebidas alcoólicas; 11% que foram coagidas a participar de desfiles, leilões ou outras atividades degradantes de exposição de seus corpos; e 18% que sofreram todas as situações.

Outro forte exemplo tem sido a intolerância que alguns estudantes manifestam através do chamado ‘estupro corretivo’ em que jovens lésbicas têm sido agredidas; esta violência representa uma forma de ‘castigo’ para aquelas que se ‘desviam’ do desempenho de papéis femininos atribuídos socialmente,

como foi o caso da estudante de agronomia, agredida no campus da UnB, na tarde de 24 de março de 2014, cujo agressor é colega de curso e argumentava que a jovem era lésbica. Como se o fato de ser lésbica fosse uma doença contagiosa e fica claro que a violência perpetrada contra a jovem, respondia ao jovem assegurar a honra masculina.

Piadinhas desrespeitosas carregadas de intolerância e de preconceitos de gênero e raciais, são observadas com dada frequência entre jovens universitários;²⁸ a estas são associadas expressões de violências e desqualificação moral de colegas que são homossexuais, que quando associado a raça e a condição econômica, se torna um forte marcador de poder e gerador de desigualdades.

O desempenho institucional das universidades hoje deve ser colocado em questão: quais devem ser as formas de assegurar a conviver com as diferenças, sem a deteriorização das relações sociais? Uma vez que a lógica da tolerância que foi internalizada no processo de socialização, caberia a universidade além de seu papel puramente pedagógico, colocar em prática rituais de sociabilidade que centrassem no convívio interpessoal e de grupo que assegurasse a pluralidade em toda a sua complexidade?,²⁹ pois a recorrência e as consequências da violência, afirma (BARANGER, 1999, p. 34)

“La répétition des violences et leur non-reconnaissance par l’entourage sont souvent source de traumatisme et beaucoup d’entre elles trouvent leur origine dans les conditions de vie des jeunes ou dans la difficulté à se situer sur un plan personnel, interpersonnel et affectif. Enfin, souffrances et violences sont le plus souvent associées”.

Portanto, o machismo, o racismo, a lesbofobia, a bifobia e outras formas discriminatórias interagem diretamente entre si produzindo e reproduzindo relações de violências e de poder que ditam qual é o papel da jovem universitária [e da mulher] na sociedade patriarcal e capitalista, assim como do jovem do sexo masculino estão ainda longe de serem erradicados. E quando uma mulher desafia o papel que lhe é imposto – como é o caso seja de estudantes lésbicas e bi, ao transgredirem essa heteronorma – ela acaba sofrendo uma violência meio “diluída”, que vem de diversas frentes e visa dominar e readequar essa mulher ao papel exteriormente imposto, ou até destruí-la psicologicamente ou fisicamente, levando-a, muitas vezes, à morte.

28 A pesquisa do Instituto Avon evidenciou que quando perguntados/as sobre desqualificação intelectual- por meio de desqualificação ou piadas ofensivas, ambos por ser mulher associadas a 62% (estudantes de ambos os sexos conhecem casos); 49% (mulheres sofreram) e 19% (jovens masculinos cometeram).

29 A propósito, consultar BARANGER Patrick (dir.). Cadre, Règles et Rituels dans l’institution scolaire. Nancy : Presses Universitaires de Nancy, 1999, p.165

Referências

- ALMEIDA, T. M. C. Violências contra mulheres nos espaços universitários. In: STEVENS, C.; OLIVEIRA, S.; ZANELLO, V.; SILVA, E.; PORTELA, C. (Orgs.). *Mulheres e violências: interseccionalidades*. Brasília, DF: Technopolitik, 2017.
- ALMEIDA JUNIOR, A. R.; QUEDA, O. *Universidade Preconceito e Trote*. São Paulo, Hucitec, 2006.
- ALMEIDA JUNIOR, A. R. *Anatomia do Trote Universitário*. São Paulo, Hucitec, 2016.
- ARAÚJO, M. F. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. *Revista de Psicologia da América Latina*, n.14, 2008.
- BANDEIRA, L. M.; ALMEIDA, T. M. C. *O trote universitário – a festa da intolerância e humilhação feminina*. Publicado via SECOM/UnB, março de 2011.
- BANDEIRA, L. M. *Descentramentos e Feminismo: uma tentativa de ‘revolução’ epistemológica e cognitiva no processo de conhecimento*. In: Seminário Internacional: Descentramentos, 2015, São Carlos. (mimeo).
- BARANGER P. (dir.). *Cadre, Règles et Rituels dans l’institution scolaire*. Nancy, França. Presses Universitaires de Nancy, 1999.
- CAPUTI, J. *El feminicidio sirve de modelo a otras formas de violencia*. Disponível em: La activista por los derechos de las mujeres Jane Caputi, que definió el término feminicidio, ofreció una conferencia en Madrid. 10 Diciembre 2015.
- CAPUTI, J. Entrevista publicada no dia 6/1/2016. Disponível: <<https://br-mg6.mail.yahoo.com/neo/launch?.rand=duhfd006fc178#3883135939>>
- GAULEJAC, V. *As origens da vergonha*. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 2006.
- HIRIGOYEN, M. F. *Assédio moral. A violência perversa no cotidiano*. Rio de Janeiro, Bertand Brasil, 2000.
- INSTITUTO AVON. *Violência contra a mulher no ambiente universitário*. 2015. Disponível no site: <<http://www.institutoavon.org.br/app/images/dashboard/instituto-avon-site/PesquisaInstitutoAvon.pdf>>
- KARTZ, J. Entrevista. *Revista VEJA*. Edição 2460, ano 49, n. 2. São Paulo, 13 de jan. 2016: p. 13 a 17.

- MACHADO, L. Z. Perspectivas em confronto: Relações de gênero ou patriarcado contemporâneo? *Série Antropológica*, n. 284, 2000.
- PERDIGÃO, A. et. al. *Violência interpessoal. Abordagem, diagnóstico e intervenção nos serviços de saúde*. Lisboa, 2014. Disponível: <file:///C:/Users/particular/Downloads/i021099.pdf>
- SEN, A. *Desigualdad de género: la misoginia como problema de salud pública. Premio Nobel de Economía y director del Trinity College en Cambridge*. EUA, septiembre 2002. (mimeo)
- WASELFISZ, J. J. *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/>>
- ZUIN, A. *O Trote na Universidade: Passagens de um Rito de Iniciação*. São Paulo: Cortez, 2002.

Recebido em maio de 2017

Aprovado em maio de 2017

